

# **EDUCAÇÃO, PESQUISA E PRODUTIVISMO: A SUPOSTA NORMALIDADE PRODUTIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

## **EDUCATION, RESEARCH AND PRODUCTIVISM: THE SUPPOSED PRODUCTIVE STANDARD IN PANDEMIC TIMES**

Aline de Carvalho Moura<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem como objeto de discussão a educação no contexto da pandemia causada pela Covid-19 no que diz respeito às configurações em que vêm sendo desenvolvidas as pesquisas e as produções acadêmico-científicas. No intuito de dar conta do objeto de análise proposto, este trabalho, por meio de um estudo bibliográfico e dentro de uma perspectiva histórico-social de análise a partir da teoria marxista, tem como objetivo problematizar as pressões e as demandas pela produção acadêmica diante do cenário de Covid-19 e seus efeitos no incremento da produtividade acadêmica, no contexto brasileiro. Pensar a teoria marxista no cenário atual, em meio à crise estrutural agravada pela pandemia é de suma importância para compreendermos as mudanças institucionais no Brasil e a forma como a produção, assume novas configurações. Como considerações, destacamos que a produtividade quando ultrapassa os valores de uso social da ciência e da pesquisa e se dispõe às disputas acadêmico-intelectuais e político-econômicas, assumem uma condição produtivista que, no cenário neoliberal, se vincula a interesses de mercado, podendo provocar fragilidades na pesquisa. Nesse sentido, é fundamental o debate sobre a produção de conhecimento como algo para além da indústria e mercado de produção e à serviço da vida.

**Palavras-chave:** Educação. Pandemia. Pesquisa. Produtivismo.

### **Abstract**

This work has as object of discussion education in the context of the pandemic caused by Covid-19 with regard to the configurations in which research and academic-scientific productions have been developed. In order to give an account of the proposed object of analysis, this work, through a bibliographic study and within a historical-social analysis perspective from the marxist theory, aims to problematize the pressures and demands for academic production in the face of Covid-19 scenario and its effects on increasing academic productivity in the Brazilian context. Thinking about marxist theory in the current scenario, in the midst of the structural crisis aggravated by the pandemic is of paramount importance for us to understand the institutional changes in Brazil and the way in which production takes on new configurations. As considerations, we highlight that

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed- UERJ). Professora Adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino Superior e Pesquisa em Educação - ESPE/UFRRJ, e pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Epistemologia e Metodologia das Ciências (Episteme) ProPed/UERJ.

productivity when it exceeds the values of social use of science and research and is available to academic-intellectual and political-economic disputes, assumes a productive condition that, in the neoliberal scenario, is linked to market interests, being able to cause weaknesses in research. In this sense, the debate on the production of knowledge as something beyond the production industry and market and at the service of life is fundamental.

**Keywords:** Education. Pandemic. Research. Productivism.

### **1. Pensar a produção na atualidade da teoria marxista: introduzindo um debate**

O ano é 2021! O mundo vive um cenário pandêmico em virtude da difusão planetária do Coronavírus (Covid-19), desde o final do ano de 2019 e início do ano de 2020. A pandemia, provocada pelo Covid-19, vem impactando, de maneira desigual e injusta, os países da periferia e do centro do capitalismo, traduzindo as condições próprias do sistema capitalista de produção.

No Brasil, a pandemia vem sendo agravada por direcionamentos políticos que negligenciam os papéis da ciência, da tecnologia e da pesquisa no enfrentamento da crise que atingem o país em suas matrizes econômico-político-sociais. De maneira geral, foi imposta à sociedade modificações não apenas das formas de interação e de integração da vida em sociedade, mas também da forma como se produz dentro de uma suposta normalidade que já não cabe em um momento de crises, incertezas, inseguranças e mortes.

Dentre os muitos setores que foram obrigados a repensar e revolucionar suas formas de atuação e produção para atender as necessidades e demandas da sociedade capitalista, vamos nos deter a discutir a forma de produção vinculada aos sujeitos inseridos em um contexto institucional, onde grande parte das pesquisas vem sendo desenvolvidas para o enfrentamento da Covid-19, as instituições de pesquisas e universidades. Os sujeitos destas instituições vêm sendo atravessados por demandas que ultrapassam suas cargas de trabalho e sobrecarregam sua saúde física, mental e intelectual. No diz respeito aos sujeitos dessas instituições, iremos nos debruçar sobre o docente do ensino superior e como as exigências de produtividade afetam a própria produção da pesquisa.

Os docentes do ensino superior ganharam novas atribuições e, em tempo recorde, foram obrigados a adaptar-se a um novo normal onde tempo e espaço não fazem mais sentido, onde casa e trabalho se confundem e onde uma sociedade em crise e ávida por

respostas e soluções lhe impõe pressões de produção e de disponibilidade para produzir experiências de ensino, pesquisa e extensão, de formas síncronas e assíncronas. O docente precisou ajustar sua casa e sua vida - para além do trabalho - para receber os alunos e os colegas em reuniões.

Em meio as transformações na rotina de trabalho dos docentes do ensino superior, um elemento, próprio de sua atuação profissional, vem ganhando maior destaque. Trata-se da produção acadêmico-intelectual desses professores. Na busca por soluções à crise, através das mais diversas áreas de conhecimento, a produção acadêmica tem sido uma grande demanda para esses professores, que precisam, em meio a situação pandêmica atual, manter suas metas ou, de preferência, ampliá-las.

Nesse contexto, precisamos considerar como se configura essa produção acadêmica e como e a que custo vem se dando a produção de conhecimento nas universidades. Mesmo compreendendo que a produção acadêmica é indispensável ao avanço da ciência, é urgente discutir como essa produção está sendo demandada em um contexto de ansiedade e pressa por resultados que possam dar fim à pandemia provocada pelo Covid-19, ou, pelo menos, amenizar seus efeitos.

Diante do exposto, por meio de um estudo bibliográfico e dentro de uma perspectiva histórico-social de análise, a partir da teoria marxista, este artigo tem como objetivo problematizar as pressões e as demandas pela produção acadêmica diante do cenário de Covid-19 e seus efeitos no incremento da produtividade acadêmica, no contexto brasileiro.

Pensar a teoria marxista no cenário atual, em meio à crise estrutural agravada pela pandemia da Covid-19, é de suma importância para compreendermos as mudanças institucionais no Brasil e a forma como a produção, nesse contexto, assume novas configurações. O debate sobre a teoria marxista e os conceitos elaborados a partir dela, são pertinentes e urgentes devido a sua condição atemporal no decorrer da história e por seus estudos sobre as relações capitalistas de produção. Segundo Marx (1991), o capitalismo como sistema econômico precisa analisar a sociedade e suas condições políticas, culturais e sociais, a partir de determinações econômicas que influenciam as formas de organização do trabalho e da vida social. Sendo assim, discutir a sociedade capitalista ao longo da história nos remete a analisar fundamentalmente a atividade econômica e suas relações de produção e reprodução de valores.

Discutir questões relacionadas à produção na sociedade sem recorrer à epistemologia marxista pode tornar frágil o debate sobre as condições de produção na atualidade. O pensamento de Marx é atual para se pensar as relações capitalistas de produção:

Sua atualidade é a atualidade do capital, que é o objeto crítico de Marx. À época de Marx, as relações capitalistas de produção dominavam uma parte do mundo. Hoje essas relações se generalizaram e aí está sua atualidade fundamental. Ela se explica também na questão da mundialização. [...] Ele explica, primeiramente, a sua lógica, a saber, a acumulação ampliada e a aceleração de rotação do capital. Em segundo lugar, constatamos que há em Marx uma teoria das crises, ou, mais corretamente, os elementos de uma teoria das crises como separação da esfera de produção e consumo, a esquizofrenia geral que caracteriza a sociedade capitalista que tinha raízes na manifestação da superprodução e na crise financeira. E em terceiro lugar, se pegarmos hoje a grande característica da crise social, isto é, de um lado os fenômenos de exclusão e precarização e, de outro, a crise ecológica, são duas grandes manifestações da crise de valor e da lei do valor. A atualidade de Marx é, então, bem evidente (AMORIM e GALASTRI, 2010, p. 93).

Com base nessa atualidade, podemos pensar as condições de produção que se estabelecem na forma de trabalho material e imaterial, uma vez que ambos produzem mais-valia e fazem parte das configurações de trabalho na contemporaneidade, ocupando as agendas dos docentes do ensino superior. “Em relação à produtividade do trabalho, o trabalho imaterial pode ser tão produtivo quanto o material. Se a produção do trabalho é a produção de mais-valia, um trabalho imaterial explorado produz mais-valia como um trabalho material” (AMORIM e GALASTRI, 2010, p. 99).

Nesse sentido, o docente do ensino superior, em especial agora, onde grande parte das instituições públicas de ensino estão em trabalho remoto devido ao Coronavírus, encontram-se trabalhando no tempo de trabalho e no tempo do não trabalho, pois casa e trabalho tornaram-se o mesmo ambiente. Com isso, avança o discurso de naturalização das pressões pelo aumento da produtividade e das relações de competitividade que nascem desse contexto de produção de mercado, onde tudo se vende e tudo se compra, inclusive o trabalho acadêmico, seja em forma de dinheiro, ou em forma de bolsas, financiamentos, currículo e até prestígio e reconhecimento pelos pares.

No que diz respeito à relação entre as demandas da sociedade capitalista que se vincula a uma produção de mercado e a problemática da produtividade, advinda da pressão pela produção acadêmica, nossa compreensão é de que a ciência e a pesquisa,

postas como valor de troca em meio à crise, vêm sofrendo desgastes e atropelos que geram fragilidades para a pesquisa e para o conhecimento produzido.

## **2. O trabalho docente no contexto neoliberal**

Com base nos princípios de livre concorrência e ataques à democracia, à ciência e à pesquisa e ao serviço público de maneira geral, o Brasil vem utilizando-se da ideologia neoliberal para impor uma lógica de mercado, provocando uma precariedade de serviços que se aloca em todos os setores da sociedade, incluindo-se o setor da educação, da ciência e da tecnologia. Através de aproximações e articulações com organismos internacionais, o projeto neoliberal vem tentando tornar bens e serviços públicos em ‘objetos’ de mercado.

Segundo Tessaro, Costa e Souza (2020, p. 8) “[...] verifica-se que a ação da corrente neoliberal age diretamente nos países em que se insere, causando alterações no modo de gerir as políticas, direcionando-as para o benefício do mercado”. Nessa lógica, pode-se observar a necessidade de privatizar empresas estatais e serviços públicos, bem como desregular ou criar novas regulamentações que diminuam a interferência dos poderes públicos e auxilie os empreendimentos privados.

O Brasil, principalmente a partir da década de 1990, foi marcado por um movimento privatista que provocou um processo de reestruturação produtiva do capital, que atingiu diversos setores da sociedade provocando mudanças nas formas de organização, estruturação e funcionamento demarcando uma nova realidade institucional. Dentre os setores afetados, vamos nos deter ao setor educacional, que sofreu alterações significativas nos processos e nas demandas educacionais através das políticas públicas voltadas à educação que passaram a interferir e a influenciar nos processos educacionais mais abrangentes e no trabalho docente de maneira substancial, refletindo-se na forma de produção desses professores.

Dentro do cenário educacional, vamos nos deter a discutir como as interferências e as influências da reestruturação produtiva afetaram os docentes no ensino superior e a produção científica desses professores. O ensino superior está vinculado à uma lógica de mercado que vem precarizando não só as condições de trabalho docente, mas a produção de conhecimento que acaba, também, sendo influenciada por um viés mercadológico.

Tessaro, Costa e Souza (2020) afirmam que as mudanças provocadas pelas políticas neoliberais estão atreladas ao processo de precarização da educação e do trabalho docente através de:

[...] mecanismos de regulação de avaliação educacional, projetos de reformas e constantes mudanças na organização de programas de formação e atualização docente. [...] essas mudanças e formas de se tratar as políticas educacionais, a partir do neoliberalismo, estão atreladas à própria reestruturação da economia mundial na perspectiva de hegemonia da sociedade de mercado, tendo como vistas a continuidade da organização de mercados comuns, que tem sido uma das estratégias implementadas pelas políticas neoliberais. A observância desses achados no estudo denota indicadores de como o setor educacional tem sido influenciado pelas ações e políticas de gerenciamento neoliberais, com foco na manutenção e efetivação de um sistema, no qual a qualidade da educação está secundarizada ao prisma da quantificação dos resultados apresentados (TESSARA, COSTA e SOUZA, 2020, p. 12).

Como fundamento básico do crescimento das demandas contraditórias e dos desafios colocados a educação, em especial ao ensino superior, temos a reestruturação produtiva na qual três matrizes fundamentais podem ser observadas: “a revolução técnico-científica ou tecnológica, o processo de globalização e o projeto neoliberal” (DOURADO e OLIVEIRA, 1999, p. 6). No projeto neoliberal, a ideia de sociedade remete a ideia de indivíduos que dentro de um modo de relação capitalista passa a valorização, predominantemente, a competição e a produtividade, sendo estas, critérios de valorização da vida.

No neoliberalismo, as condições de vida transformam-se segundo as demandas e necessidades de uma sociedade de mercado insaciável, onde a produção institui-se em metas. É nessa condição de trabalhar para bater metas que o docente do ensino superior faz valer sua carga de trabalho. A universidade tornou-se um campo de disputas onde a autonomia da instituição e de seus docentes vem sofrendo ataques:

[...] estaria ocorrendo nos últimos anos uma perda de autonomia e de qualidade na universidade brasileira, em função do aumento da participação privada no ensino superior, da introdução de novos valores e critérios de produtividade acadêmica, da intensificação do trabalho e da redução drástica e crescente de verbas governamentais para manutenção das instituições públicas e das pesquisas. Os docentes, então, passaram a trabalhar com foco em atividades passíveis de serem computadas como produtividade a fim de garantir o funcionamento dos cursos e a realização de seus projetos acadêmicos (TEIXEIRA, 2020).

Em meio aos ataques, sucateamento, negacionismo e imposições de novos valores e critérios de produtividade, ainda segundo Teixeira (2020), a ideia de ciência como uma construção coletiva baseada na cooperação, foi substituída por um clima de competição que enfraquece, precariza e prejudica a relação entre o trabalho e o docente e, conseqüentemente, atinge sua produção, podendo fragilizar o conhecimento produzido e disseminado.

### **3. A pesquisa e a ciência como valores na lógica de mercado**

Com base em uma perspectiva histórico-social, a pesquisa é uma atividade básica de indagação e descoberta, uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo de investigação, é uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e partes da realidade.

Para Fernandes (1966), a pesquisa não se realiza fora da vida social, ela não é isolada da realidade, está presente nas atividades do homem em determinada sociedade e em determinado momento da história, e deve ser usada como instrumento de enriquecimento do conhecimento. É a partir da interrogação e de toda a teoria acumulada que se vai construindo o conhecimento sobre algo pesquisado.

No intuito de pesquisar é preciso construir uma pergunta, uma questão, um problema a ser respondido ou solucionado, e para fazer as ‘perguntas certas’ é preciso que tenhamos um pressuposto do que seja ciência, compreendendo-a como algo que vai além de suas normas e valores, mas também como “produto de um nível de determinação que provém de condições sociais” (CARDOSO, 1996, p. 98). Sendo assim, o trabalho de pesquisa não é um processo de recomeçar constante, mas a retomada de questões sobre o conhecimento acumulado em condições histórico-sociais. “O que se deve estimular, portanto, não é a pesquisa, pura e simples, é a exploração construtiva da pesquisa em alvos que deem sentido às atividades intelectuais” (FERNANDES, 1966, p. 211).

Fernandes (1959), afirma que a pesquisa é condição da ciência e ratificando a posição do autor e indo além, Cardoso (1996) afirma que sem pesquisa não se faz ciência, mas que não basta fazer pesquisa para estar fazendo ciência:

A ciência madura e consistente se mede pelo alcance teórico da sua pesquisa. A finalidade da ciência é explicar a realidade, o que já

desqualifica a pesquisa pela pesquisa, bem como o pensamento especulativo. [...] Não vale a pena pesquisar qualquer coisa, só vale pesquisar aquilo em que faça sentido aplicar os recursos disponíveis para pesquisa numa dada sociedade num dado momento. Esses recursos são escassos e envolvem escolhas da sociedade, que sacrifica alguma coisa quando aloca recursos aqui, e não ali. Essa escassez não se mede apenas pela riqueza ou pobreza relativa do país, mas também pela avaliação que a coletividade faça da importância da atividade científica, o que, em países como o Brasil, faz aumentar a responsabilidade das escolhas (CARDOSO, 1996, p. 97 e 98).

Nesse sentido, pode-se e deve-se ter a clareza de que é perda de tempo e de dinheiro pesquisar qualquer coisa. A pesquisa deve fazer sentido dentro dos recursos disponíveis em determinado tempo e espaço com base em condições histórico-sociais de uma dada sociedade.

A pesquisa em um modelo científico, deve, como condição fundamental, produzir novos conhecimentos dentro de um processo rigoroso de investigação. O tratamento dado aos diferentes aspectos investigativos, a amplitude da pesquisa e a forma como vem se estruturando ao longo dos anos, seguem o pensamento do desenvolvimento da sociedade brasileira em determinado tempo e espaço.

A produção de pesquisas e da própria condição da ciência, além de ter uma vinculação com às questões de produção e reprodução de valores da sociedade de mercado, é, em grande parte, produzida por docentes das Instituições de Ensino Superior (IES) que se encontram sobrecarregados em um cenário de precarização do trabalho acadêmico-científico imposto pelos cortes orçamentários na educação e pelo pouco incentivo e financiamento das pesquisas, nessa área. Além disso, o corpo docente e pesquisadores se vêem subjugados pelas avaliações, invadidos pela necessidade e pressão de bater metas de produção e assoberbados pelos ataques do governo para com a educação.

Iniciando a discussão sobre os desafios à pesquisa em educação e a naturalização da pressão pela produção acadêmico-científica, é preciso compreender que, para que o movimento da busca pela eficiência e produtividade na educação seja aceito como algo natural e próprio no sistema de produção de conhecimento, ela traduz um projeto maior. Como já dizia Althusser (1985, p. 12):

Formar o trabalhador significa, não propriamente, ou não apenas, qualificar seu trabalho, mas tornar, para o indivíduo, natural e necessária a equivalência entre a qualidade do trabalho e a quantidade



da força de trabalho; tornar natural e necessária a venda da força de trabalho, a submissão às normas de produção, à racionalidade hierárquica na produção, etc., etc.

Corroborando com essa ideia, Gonçalves (2012, p14), afirma que “a ciência feita técnica se tornou uma poderosa força produtiva com que o capitalismo colonizou corações e mentes”. Compreendendo a forma como a formação para o mundo trabalho é capaz de introjetar a ideia de que o acúmulo de trabalho e de produção é algo positivo para a sociedade e, também, para o indivíduo que a produz, podemos tentar justificar a aceitação pela sobrecarga de trabalho e a pressão produtiva nos espaços acadêmicos.

Além disso, podemos tentar entender a forma de produção a qual os docentes se dispuseram a aceitar para manter, minimamente, suas condições de trabalho frente aos cortes e sucateamento na educação. Apesar de ver e sentir a proximidade do adoecimento físico e do cansaço intelectual, o docente do ensino superior, em especial o da pós-graduação, é refém do sistema que condena, naturalizando sua condição de trabalho e sua rotina de intermináveis demandas como algo intrínseco a ele.

As práticas sociais não são naturais, mas sim históricas, uma vez que “foram instituídas em determinadas circunstâncias e que são reproduzidas por meio das instituições historicamente criadas” (GONÇALVES, 2012, p. 22). Pensando essas instituições e seus sujeitos enraizados de práticas sociais dentro de uma pseudonaturalidade, vamos pensar a instituição educacional, os docentes e pesquisadores em educação e a produção de conhecimento na área.

Pensando a trajetória da constituição do ensino superior e da pós-graduação no Brasil, entendemos que a pesquisa em educação acompanhou as mudanças dessa trajetória. Uma dessas mudanças são as transposições de objetivos da pós-graduação brasileira, que seguindo as demandas das instituições financiadoras e avaliativas, deslocaram a centralidade da docência para a centralidade da pesquisa (KUENZER e MORAES, 2005).

A partir da consideração das mudanças de objetivos no sistema nacional de pós-graduação, mudanças promovidas por sua agência reguladora, entendemos que essas transformações ocorreram e poderão continuar a ocorrer, uma vez que seu compromisso é atender as demandas da sociedade. Em outras palavras, se a sociedade transforma as suas relações de produção, se ela muda a direção de seus interesses, conseqüentemente, a educação e suas instituições, também, acompanharão essas mudanças. Esse é o caso da

busca pela internacionalização das pesquisas, que vem fazendo parte das discussões das agências de fomento nos últimos anos.

As instituições educacionais desenvolvem não apenas produções acadêmicas, técnicas e artísticas, mas também, produzem disputas, assumindo, além de suas características educacionais, características políticas, tornando-se um espaço no qual, bolsas, financiamentos e cargos são disputados em meio aos objetivos próprios da educação.

Vilaça e Palma (2013, p. 476) afirmam que existe um valor de mercado científico onde as pesquisas e a produção de conhecimento tornaram-se “moeda vigente [...] em um verdadeiro mercado de publicações, ao qual a ideia de um mercado acadêmico-científico está atrelada diretamente”.

Com isso, cabe salientar que as disputas no campo da ciência e da pesquisa qualificada ultrapassam os objetivos metodológicos e epistemológicos do conhecimento produzido no ensino superior e representam os objetivos que a sociedade de mercado impôs ao ensino superior e aos docentes e pesquisadores desse espaço. Muitos docentes e pesquisadores, no ensino superior, sucumbiram ao “canto da seria” (TREIN e RODRIGUES, 2011, p. 769):

Um mal-estar assombra a Academia: o mal-estar provocado pelo fetiche do conhecimento-mercadoria e o seu canto de sereia – o produtivismo. Professores, pesquisadores e estudantes universitários, e até mesmo os chamados “gestores de Ciência & Tecnologia”, enfim, a Academia parece estar desagradada e, em alguma medida, degradada pela direção e pelo ritmo do desenvolvimento das transformações em curso no chamado sistema brasileiro de ciência e tecnologia (TREIN e RODRIGUES, 2011, p. 769).

Ainda para Trein e Rodrigues (2011, p. 780) o produtivismo, “é o resultado lógico necessário da subsunção do valor de uso do conhecimento ao seu suposto valor de troca [...] O produtivismo é fantasma-fetiche que assombra/seduz, com promessas e ameaças, a Academia”.

Pensando a problemática do produtivismo e o que esse termo carrega no que cerne questões ideológicas e traços com a sociedade, Menna-Barreto (2012, p. 49) afirma que,

O termo produtivismo é um neologismo interessante que caracteriza uma distinção com as palavras-raiz: produto, produção, produtor, produtivo, produtividade, etc. O traço definitivo do neologismo está na identificação de uma ideologia associada, que me parece residir na ênfase (senão exclusividade) dos números.

Trazendo esse termo - produtivismo - para a discussão sobre a pesquisa e a forma como vem sendo introjetado no ensino superior e no trabalho docente, vamos apresentar alguns problemas relacionados às demandas impostas para os professores do ensino superior, que vem atingindo a produção de conhecimento, em especial, no momento pandêmico pelo qual o país e mundo vêm passando.

As exigências relativas à produção acadêmica passaram a impactar direta e indiretamente as práticas de pesquisa no ensino superior e o trabalho docente que se encontra em condições cada vez mais precarizadas (MOURA e CRUZ, 2020). A pressão por alcançar metas de produção geram o adoecimento docente e certa fragilidade na produção de conhecimento, além de produzirem um movimento de naturalização das pressões no campo acadêmico.

As exigências e pressões referentes à produção acadêmica geraram “um verdadeiro surto produtivista” (KUENZER e MORAES, 2005, p. 1348). É nesse cenário de naturalização e pressão em busca de metas e números que apontamos uma preocupação com a produção de conhecimento e com possíveis fragilidades de pesquisa no contexto produtivo do atual momento de pandemia, onde a Covid-19 impulsiona os movimentos de *fast science* em prol de respostas para essa doença que já vitimou milhares de pessoas ao redor do mundo.

#### **4. Pandemia e produtividade: a produção de pesquisas em tempos de Covid-19**

Agravada pelos direcionamentos políticos e pela disputa de poder econômico, a pandemia provocada pela Covid-19 vem fazendo vítimas e deixando um rastro de mortes que deram à ciência e à pesquisa um destaque de sua importância que vinha sendo negligenciada nos últimos anos, por discursos negacionistas e privatistas, advindos, principalmente, do governo federal.

As exigências de produtividade em tempos de pandemia, vêm impondo à pesquisa uma responsabilidade na busca por soluções à crise. Nesse contexto, vivemos um movimento de *fast science*, que necessita ser revisto com mais cuidado, posto que é preciso respeitar o tempo de desenvolvimento e maturação dos processos científicos, a fim de legitimar os cuidados próprios da ciência.

Um estudo publicado, em 2020, pela revista *The Lancet*, uma das revistas científicas de maior prestígio do mundo, pode servir de exemplo para pensarmos os perigos de não respeitarmos o tempo da ciência e da pesquisa. Um trabalho publicado na revista apresentou graves irregularidades no maior estudo, até então, sobre a eficácia da

cloroquina e da hidróxicloroquina contra a Covid-19. Pedro Alonso, diretor do programa de malária da Organização Mundial de Saúde (OMS), em entrevista, afirmou que “há enormes dúvidas sobre a qualidade desse trabalho e tanto seus autores como a revista que o publicou vão ter de prestar contas” (DOMÍNGUEZ, 2020).

Para a Microbiologista Pasternak (2020), a ciência precisa de tempo para compreender o vírus e, devido a ansiedade diante da gravidade da pandemia, o tempo da ciência não está sendo respeitado, por isso, existe um atropelo de informações e distribuições de falsas conclusões ou de estudos ainda não finalizados com supostos indicativos de tratamento, medicação e cura.

Em virtude do Coronavírus, talvez estejamos vivenciando o movimento de *fast science* de maneira mais forte nos últimos tempos. Segundo Nóvoa e Lemos (2012, p. 8), pesquisar, ler e escrever requerem tempo, mas as “instituições e, ainda mais, a pressão social, promovem a cultura do imediato, do urgente, do tempo real, do fluxo intenso, dos projetos que se sucedem a um ritmo cada vez mais rápido [...] A *Fast Science* [...] prefere a quantidade à qualidade”.

O trato com a ciência deve ser cuidadoso e rigoroso para que possa promover avanços significativos e válidos em seus mais diversificados campos. Entretanto, o que estamos presenciando no momento de luta e desespero devido a Covid-19, são publicações que, muitas das vezes, orientam sobre diagnósticos, tratamentos e prevenções contra o vírus, mas que não estão sofrendo o trato necessário.

Para Moura e Cruz (2020), existe uma aceleração dos resultados de pesquisa que tem gerado muitas controvérsias quanto aos cuidados com a doença e formulações precipitadas quanto as políticas de saúde implementadas na luta contra o Coronavírus:

É importante considerar os impactos que as pesquisas e as publicações científicas têm em meio a pandemia, e por isso, a necessidade de mais rigor no trato dos dados que estão sendo levantados e apresentados, no intuito de que se diminuam as brechas para possíveis equívocos na discussão sobre a doença. Além disso, o cuidado com o que está sendo publicado também tem um papel importante no que diz respeito a credibilidade da ciência, principalmente no Brasil, onde vive-se um momento de negacionismo e retrocesso em relação aos debates sobre a ciência (MOURA e CRUZ, 2020, p. 238).

Segundo Nóvoa e Lemos (2012), é preciso que na contramão do movimento de *fast science* se promova a *slow science*, priorizando alguns valores e princípios

fundamentais da ciência, o que funcionaria como uma certa resistência à pressão e à naturalização em busca dos números e metas ideais.

Nesse sentido, é necessário resgatar o debate sobre o papel da ciência e do conhecimento, bem como todos os cuidados e rigor que lhes cabem, não só na luta contra o Coronavírus, mas na luta por melhores condições de trabalho, de pesquisa e de vida, pois cabe lembrar que a vida não se limita à universidade e às demandas impostas pela sociedade capitalista de produção e reprodução de valores.

### **Considerações finais**

A produtividade em tempos de pandemia expõe o modelo cientométrico que valoriza, prioritariamente os números e a rapidez em busca de soluções aos problemas atuais. Nesse sentido, mesmo reconhecendo o trabalho, em tempo recorde, das instituições de pesquisa em todo país em prol da população e em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), chamamos a atenção para a responsabilidade das produções acadêmicas desenvolvidas nos espaços institucionais de pesquisa, no intuito de garantir os princípios epistêmicos e éticos da pesquisa. É fundamental o debate sobre a produção de conhecimento como algo para além da indústria de produção e à serviço da vida.

A produtividade quando ultrapassa os valores de uso social da ciência e da pesquisa e se dispõe às disputas acadêmico-intelectuais e político-econômicas que vem se consolidando no cenário institucional, pode provocar fragilidades na pesquisa através do aceleração de resultados, da diminuição do tempo de maturação da pesquisa e até mesmo do constrangimento de pesquisadores devido à concorrência por verbas e financiamentos que aumentam em virtude dos cortes e sucateamentos promovidos pelo governo federal.

A pandemia aumentou a contradição dentro da academia, pois ao mesmo tempo que compreendemos a necessidade pela busca de respostas que deem conta de estabilizar os efeitos da Covid-19 na vida dentro e fora da universidade, sucumbimos a naturalização das pressões exercidas pela produtividade. Como afirma Trein e Rodrigues (2011, p 785) “ficamos prisioneiros do sistema que criticamos, participamos da concorrência que condenamos, aprimoramos a avaliação que nos subjuga. Excedemo-nos nas horas de vida dedicada ao trabalho (p. 785).

## Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985.
- AMORIM, H; GALASTRI, L. O. Teoria do valor, trabalho e classes sociais: entrevista com Daniel Bensaïd. **Crítica Marxista**, São Paulo, nº 30, p.89-102, 2010.
- CARDOSO, M. L. Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.10, n. 26, p.1-26, 1996.
- DOMÍNGUEZ, N. Mais de 100 especialistas alertam para falhas em estudo que condenou o uso da cloroquina no mundo. **El País**, Espanha, 30 de maio de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-30/mas-de-100-especialistas-alertam-para-falhas-em-estudo-que-condenou-o-uso-da-cloroquina-no-mundo.html>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F.. Estado, políticas educacionais e reconfiguração da educação superior no Brasil. In: DOURADO, L.F., CATANI, A. M. (org.). **Universidade pública**: política e identidade institucional. Campinas, SP: Autores Associados; Goiânia: Ed. da UFG, 1999, p. 5-22.
- FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.
- FERNANDES, Florestan. A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultural provocada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 75, p. 28-78, jul/set. 1959.
- GONÇALVES, C. W. P. Para além da crise de paradigmas: a ciência e seu contexto. **Universidade e Sociedade**. Distrito Federal, v.21, n. 49, p. 10-23, jan. 2012.
- KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, 2005.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Tradução de José Carlos Bruni, José Arthur Giannotti, Edgard Malagodi e Walter Rehfeld. 5 ed. São Paulo, Abril Cultural (Coleção os Pensadores), vol. 12, 1991.
- MENNA-BARRETO, L. Produtivismo além dos números. **Universidade e Sociedade**. Distrito Federal, v.21, n. 49, p. 46-50, jan. 2012.
- MOURA, A. C.; CRUZ, A. G. Ensino superior e produtividade acadêmica em tempos de pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6 – nº. Especial – pág. 222 – 244, jun./out., 2020.
- NÓVOA, J; LEMOS, R. Por um movimento *Slow Science*. **Universidade e Sociedade**. Distrito Federal, v.21, n. 49, jan. 2012.

PASTERNAK, N. A microbiologista Natália Pasternak fala sobre o tempo da ciência durante o Coronavírus. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 09 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgdSVYpDmZc>. Acesso em: 09 jun. 2020.

TEIXEIRA, A. L. Educação, saúde mental e pandemia: algumas considerações. IN *Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação*. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Encontrografia, p. 201 – 217, 2020.

TESSARO, N. S.; COSTA, M. L. F.; SOUZA, V. F. M. Neoliberalismo em questão: influências no campo educacional brasileiro e na produção do conhecimento. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 56, p. 1-15, e10727, jan./mar. 2021.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, v. 16, n. 48, p. 769-819, set./dez. 2011.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 467-484, abr./jun. 2013.